

ARRUMANDO A MALA E O ESPÍRITO

Basta mencionar a palavra viagem para que todos em volta fiquem ouriçados. Até pessoas que não gostam de viajar – para meu espanto, há quem deteste – reconhecem a mística que há por trás da vontade de partir. Porém, mesmo sendo um hábito natural na vida de muitos, viajar ainda provoca alguma inquietação e, portanto, há quem evite fazer as malas com frequência. Melhor sossegar em casa e economizar dinheiro para a troca dos móveis. O que há lá fora que já não tenha sido visto na televisão, em fotos e no cinema? São apenas outras ruas, outros prédios, outras árvores: o que tem isso de mais?

Lembro bem dos dias que antecederam a minha primeira viagem à Europa, em 1986. Era como se eu estivesse prestes a embarcar para outra galáxia. Tinha como certo que seria um deslocamento cósmico, e não apenas um passeio por outras ruas, outros prédios e outras árvores. Tanto que, quando aterrissei em Londres, não foram os monumentos grandiosos e históricos que me causaram impacto, e sim o fato de me deparar com farmácias, paradas de ônibus e escolas. Meu

devaneio não havia previsto o lugar-comum. Sei lá o que eu imaginava encontrar de tão insólito, só sei que caí na real: as cidades, pelo menos as ocidentais, têm uma infraestrutura muito similar. O que nos encanta, na verdade, é o confronto com nosso outro eu, aquela parte de nós que nunca se conformou com a vida em prisão domiciliar.

Viajar não está associado apenas ao que iremos encontrar lá adiante, mas também ao que deixamos para trás. Para trás fica o que a gente sempre foi. Nós e nossos horários de acordar e deitar, nossas tarefas diárias, o telefonema regular para a família. Para trás fica o mesmo trajeto das ruas até chegar ao trabalho, o mesmo restaurante do bairro, as mesmas discussões políticas com os amigos, a temperatura do dia prevista na véspera e o jornal falando de problemas que você conhece de cor. Em tese, todo dia é novo, porém menos novo no local que nos serve de palco cotidiano. E essa repetição inevitável define nossas ideias e nosso comportamento, a gente se acomoda a um papel exaustivamente ensaiado e representado, somos o que sempre fomos porque é assim que os outros nos identificam e é assim que nos acostumamos a ser. A cidade onde vivemos nos reduz a um único personagem: aquele que foi formatado pela rotina.

Até o dia em que você embarca num avião e, assim que chega a outro destino, descobre a potência dessas duas palavras: “outro destino”. Você fugiu daquela linha reta

que era sua vida. E espera retornar para casa com uma perspectiva mais elástica.

Sei de gente que vai para o aeroporto amaldiçoando a sorte: o desamparo em abandonar suas coisas e seus costumes é quase uma tortura. São os que não suportam viajar, só o fazem porque o patrão os escalou para um seminário ou porque a família exigiu. Se todos dizem que viajar é bom, a criatura cede para não ser do contra e então vai passar uns dias no sítio de um parente, numa casa alugada na praia ou num quarto impessoal de hotel, tudo para evitar ser chamado de desmancha-prazeres e garantir ao menos um ano de paz até que alguém resolva de novo ter essa ideia infame de curtir as férias em outro lugar que não em casa.

Eu sei, este não é você, ou não estaria lendo este livro.

Viajantes têm dentro de si alguém confinado ao trivial que não vê a hora de ser solto, nem que seja por apenas 30 dias ao ano. Esse outro ser humano escondido em você é quase um desconhecido, ainda que a foto no passaporte seja a sua cara (maldade comparar você com sua foto no passaporte, sorry). Então ele se liberta e arrisca o uso de uma echarpe extravagante, esquece o gosto do feijão com arroz, caminha por ruas que não sabe aonde irão levá-lo e visita castelos, igrejas e museus em plena terça-feira à tarde. Ele autoriza a si mesmo o refinamento de uma vida desencanada, se distancia do

seu perfil sensato e prudente para cair na estrada e dar protagonismo à sua real natureza, a aventureira. Uma natureza que todos reconhecem possuir. Uns com prazer, outros com temor.

Viver, basicamente, é a maior das aventuras, mas cedo cortam nossas asinhas e nos condicionam a compromissos escolares, familiares e sociais, e acabamos considerando a coisa mais natural do mundo passar do berço ao túmulo no local em que nascemos. Essa adaptação conduz à sanidade, dizem. Concordo, mas sem fanatismo. Viajar é correr atrás do nosso eu ancestral, aquele rebelde que escapou da domesticação e que não vê a hora do reencontro com sua alma peregrina.

Uma semana em Nova York bastaria para viver essa lua de mel com nossa liberdade latente? Duas semanas em Cusco realizariam essa transmutação? Três semanas em Morro de São Paulo seriam suficientes?

O cenário é variável e o tempo é relativo. Às vezes, ir a um lugar diferente dentro da própria cidade em que se mora consegue efeito parecido. O que detona o big bang pessoal é a predisposição para olhar, sentir, provar, respirar uma realidade paralela. É a entrega à subjetividade e à poesia da vida, que geralmente ficam mais perceptíveis quando não há regras rígidas a cumprir. Regra é uma palavra que pode combinar com planejamento de viagem, mas não com as sensações que ela provoca.

Um deserto. Uma floresta. Mar aberto. Jungle urbana. Beira de praia. Uma montanha. Geleiras. Uma tribo indígena. Canyons. Santuários ecológicos. Templos orientais. Cidades históricas. Pirâmides. Um vulcão. Ilhas. Savanas. Caminhos sagrados. Vilarejos humildes. Capitais da moda. Ruínas. Estradas cinematográficas. O prédio mais alto do mundo.

Quando pensamos em todas as opções que o planeta oferece, dá certa vertigem. Qual o melhor lugar para arrancar a gravata, tirar o salto alto, livrar-se do uniforme civilizatório e ficar desnudo para si mesmo? Diante de que pórtico, de que escultura, de quais das sete maravilhas do mundo conseguiremos redimensionar nosso próprio tamanho e passar a viver com mais humildade, prazer e leveza?

Sem ilusões: estamos falando de turismo, e não de um retiro espiritual. O melhor local para conhecer a si mesmo é onde se está todos os dias da semana em todos os anos da vida, uma viagem que não termina e que acontece dentro da gente. O processo é interno, sempre foi. Viajar é apenas o tubo de oxigênio que nos permite mergulhar mais fundo na nossa estranheza e insegurança, que nos obriga a lidar com a dificuldade de se expressar num idioma diferente e nos faz encontrar outros meios para nos traduzirmos, que prepara nosso olhar para novas combinações de cores e novas formas arquitetônicas, que refina nosso paladar para sabores esquisitos, que confirma

a existência daquilo que para nós existia apenas como um delírio, que nos faz compreender que há outros jeitos de cumprimentar as pessoas, outros tipos de casamento, outras formas de higiene, outras maneiras de atravessar uma rua, outros deuses, outros modos de se vestir, outros sorrisos, outros ritmos – e essa incrível universalidade aniquila nossa soberba e desperta insuspeitas virgindades em nós, o que é sempre rejuvenescedor.

Mesmo por apenas uma semana? Que seja. É mais do que dura uma viagem lisérgica. E dessa droga ninguém deveria prescindir: o vício incurável pelo deslumbre.